

A afirmação da capoeira

Zulu Araújo

Ao registrar a capoeira como patrimônio cultural, o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Iphan) deu uma enorme contribuição à história do Brasil, no que tem de mais singular na herança do povo negro. A formação da identidade cultural brasileira é construída todos os dias pela conscientização de cada cidadão, que, nesses muitos séculos, vem protagonizando histórias em que se afirma a rica diversidade cultural na qual se formou este país. Ainda é preciso muito para romper a fronteira da intolerância. Mas ao nos defrontarmos com uma ação política dessa envergadura, só temos a comemorar.

O reconhecimento da capoeira como patrimônio cultural aproxima o Brasil, segundo disse Juca Ferreira, secretário-executivo do Ministério da Cultura, do ideal da democracia racial. Isso leva em conta o resgate e a valorização das raízes africanas na cultura brasileira, conduzida pela Fundação Cultural Palmares, que, desde sua criação, há vinte anos, destaca-se pela produção e divulgação dos saberes culturais afro-brasileiros. O registro da capoeira como bem imaterial é apenas uma das muitas batalhas em que se envolveu a Fundação Palmares nesse processo permanente de assegurar as condições de igualdade ao proporcionar visibilidade às manifestações culturais da comunidade negra.

De origem remota e controversa, é verdade que a capoeira é brasileira. Foi aqui que fincou suas raízes e criou mitos e lendas, como a que envolve o mestre Besouro e tantos outros, na afirmação da resistência contra a opressão. A capoeira, hoje, é parte do cenário urbano. Perseguida por quase trezentos anos, era praticada às escondidas. Marginalizada, era jogo que se jogava por alguns corajosos. Era apenas uma tradição dos negros.

Herança deixada pelos negros bantos, vindos de Angola como escravos, foi cultivada e praticada por escravos fugitivos que, ameaçados de recaptura, defendiam-se, usando a técnica. Para não levantar suspeitas, os movimentos da luta foram adaptados às cantorias africanas para que parecessem uma dança.

A proposta de registro foi aprovada por aclamação pelos conselheiros do Iphan, que souberam reconhecer o valor dessa arte, que chegou a

ser criminalizada e, hoje, é símbolo da identidade afro-brasileira. Foi mestre Pastinha que enfatizou o lado lúdico e artístico da capoeira, destacando os treinos de cantos e toques de instrumentos. Como o era para ele, também é para nós: a capoeira é um esporte, uma luta, mas também uma reza, lamento, brincadeira, dança, vadiagem e um momento de comunhão.

A benção Mário de Andrade que inspirou Aloísio Magalhães, à frente do Iphan na década de 1980, que concluiu, assim como o escritor, que o conceito de bem cultural no Brasil não deveria ficar restrito aos bens móveis e imóveis. Para Magalhães, é a partir do fazer popular "que se afere o potencial, se reconhece a vocação e se descobrem os valores mais autênticos de uma nacionalidade". Hoje, o nosso olhar se volta para os mestres da capoeira, para as baianas do acarajé, para o samba de roda do Recôncavo Baiano, para a Feira de Caruaru, para os pés dos pernambucanos dançando o frevo, para a delícia do queijo de Minas e tantos outros fazeres populares, já tornados patrimônios culturais, que fazem essa rica nação brasileira.

A cultura brasileira não ficou mais rica do que já é. Eis o desafio: valorizar esses saberes e dar-lhes a dimensão exata do que é. Não é o exótico, nem a folclorização. Não é o que o turista estrangeiro vem ver. Mas reavivar esses saberes como manifestos de resistência contra a violência das desigualdades, que ainda mancham a nossa história.

É a ação que vence a resistência dos que não querem conviver com as transformações que o país exhibe em toda a sua pujança. Graças a essa vitalidade e resistência de um povo destemido é que o futuro se apresenta melhor.

O Brasil está mais alegre ao som dos berimbaus, que soam nas praças, nas rodas de capoeira, no bailado dos corpos negros. É a estética da resistência. É o mostrar-se ao mundo, com dignidade. É o saber cultural de um povo forjado na luta que está inscrito para sempre na história da identidade brasileira.

A benção mestre Pastinha, mestre Bimba, mestre João Pequeno